



## **Identidades e Representações na TV Local: o caso TV Visão<sup>1</sup>**

Frederico Belcavello Guedes (FACOM/UFJF)<sup>2</sup>

### **Resumo**

A proposta deste artigo é refletir sobre o processo de representação das identidades locais através de seus canais de mídia, mais especificamente de uma emissora de televisão de Juiz de Fora-MG, a TV Visão. Autores como Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva oferecem suporte teórico para a discussão da identidade e, na reflexão proposta, dialogam com pesquisadores que estudam aspectos da identidade juizforana e a trajetória dos meios de comunicação da cidade. A análise do discurso dos apresentadores da referida emissora constitui o viés empírico do trabalho.

### **Palavras chave**

Televisão; Comunicação Local; Identidade.

Cento e cinquenta e sete anos após a data oficial de sua fundação a cidade de Juiz de Fora vive um momento de busca pelo re-conhecimento. O ímpeto de desenvolver-se, com o crescimento das atividades econômicas, aponta para a revisão das bases institucionais, públicas e privadas, responsáveis pela dinâmica social da cidade. Neste sentido, é recorrente no discurso de autoridades públicas, empresários e representantes de classe a necessidade de re-definir a vocação da cidade, re-descobrir a sua identidade.

No entanto, como nos esclarece Hall (2002), não é possível determinar uma identidade única, consistente e imutável. O mundo contemporâneo é o espaço de identidades fragmentadas que são construídas, desconstruídas e reconstruídas à medida que são estabelecidas as relações de significação.

E, uma vez que vivemos na contemporaneidade, com as relações cada vez mais mediadas, o palco principal para a expressão das identidades de uma localidade são os seus canais de mídia.

Assim, este trabalho tem o propósito principal de investigar o processo de representação das identidades juizforanas através da mídia juizforana, mais especificamente de uma emissora de televisão, a TV Visão.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT Audiovisual, do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste.

<sup>2</sup> Frederico Belcavello Guedes é aluno especial de disciplina isolada do mestrado da Facom/UFJF. Jornalista, professor assistente da Faculdade Estácio de Sá Juiz de Fora, especialista em Artes, Cultura Visual e Comunicação (UFJF) e Diretor de Produção e Programação da TV Visão. Realiza pesquisas sobre história e representações de identidade na televisão local.



## 1. Identidade, diferença e o espírito do tempo

No debate proposto por Tomaz Tadeu da Silva (2000) sobre a produção social da identidade e da diferença, o pressuposto básico dos processos de significação e entendimento da identidade e da diferença está em sua interdependência e mútua determinação. É pelos referenciais de diferenças que se determina a identidade e, em contraponto, as diversas noções de identidade são responsáveis pela clarividência da diferença. Silva destaca ainda que a identidade e a diferença são criações sociais e culturais, ativamente produzidas. Não são “elementos” da natureza ou essências, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas (SILVA: 2000, p.76).

Dessa forma, é fácil compreender porque sob certas circunstâncias históricas, culturais ou sociais, podemos referir-nos a distintas noções de identidade e, ao mesmo tempo, distintas problematizações acerca da definição da identidade e da relação das identidades diversas. Stuart Hall (2002) chama a atenção para esta variabilidade, ao destacar a chamada “crise de identidade” que vive o sujeito do mundo contemporâneo sob o argumento de que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades...” (HALL: 2002, p.7).

O espírito do tempo contemporâneo, também chamado pós-moderno, revela um contexto social que revê as relações de espaço e tempo e, por conseqüência, do posicionamento do sujeito diante do fluxo da experiência humana. Notadamente, falamos de uma nova realidade na qual as relações humanas estão em movimento e em constante busca por um posicionamento que dê, ainda que momentaneamente, conforto às angústias do espírito sem lugar.

O pós-moderno (...) privilegia a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural. A fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou (para usar um termo favorito) “totalizantes” são o marco do pensamento pós-moderno (HARVEY: 1992, p.19).

Para sobreviver nesse ambiente, Hall (2002, pp.10–13) nos apresenta uma concepção de identidade que é a do “sujeito pós-moderno”. Este surge em um processo histórico no qual foi precedido pelo “sujeito do Iluminismo” e pelo “sujeito sociológico”. O sujeito do Iluminismo caracterizava-se por sua centralidade no indivíduo, numa concepção que destacava a pessoa humana como ser pleno, “dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” desde o seu nascimento. Já o “sujeito sociológico” descortina-se junto à idéia da modernidade e da gradual complexificação pela qual passa a civilização com os



processos desencadeados pela industrialização. Neste ponto a noção de sujeito deixa a totalidade da individualidade e considera que as capacidades do indivíduo são formadas nas relações com os demais indivíduos que o cercam, ou seja, na “interação entre o eu e a sociedade” (HALL: 2002, p.11).

No entanto, ao longo do século XX, as relações do sujeito com as estruturas passam por nova adequação. Os elementos constitutivos da transição dos tempos tradicionais para a modernidade chegam a níveis tais de desenvolvimento que o próprio sistema se transforma. Harvey (1992, p.107) destaca que Marx já descrevia processos sociais que agem no capitalismo e acabam por promover o individualismo, a alienação, a fragmentação, a efemeridade, a inovação, a destruição criativa, o desenvolvimento especulativo, mudanças nas relações de desejos e necessidades e nas experiências de espaço e tempo. O resultado é a chamada pós-modernidade.

O pós-modernismo tem especial valor por reconhecer as múltiplas formas de alteridade que emergem das diferenças de subjetividade, de gênero e de sexualidade, de raça, de classe, de (configurações de sensibilidade) temporal e de localizações e deslocamentos geográficos espaciais e temporais (HUYSSSENS: 1984, p.50 apud HARVEY: 1992, p.109).

A concepção de identidade compatível com este quadro é a do “sujeito pós-moderno”. Este, para dar conta da realidade instável e fragmentária do universo que habita, vai buscar sua identidade em processos variados e passa, inclusive, a assumir identidades variadas de acordo com as diversas situações de produção de significado com as quais se depara. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL: 2002, pp.12-13). O sujeito passa a assumir diferentes identidades, uma vez que sua relação com a sociedade não se dá mais com verdades absolutas, com instituições ou instâncias fixas e estáveis. Fragmentados os processos de produção de significação, a sobrevivência do sujeito na construção de sua identidade está condicionada à relativização de cada relação de identificação e diferenciação à qual se submeter. Isso pode até mesmo revelar a coexistência de identidades conflitantes em um mesmo sujeito, que, segundo as combinações das experiências de tempo e espaço, jamais sejam colocadas em real situação de confrontação.

E aqui voltamos à argumentação de Tomaz Tadeu da Silva (2000), segundo a qual a identidade e a diferença são, portanto, fabricadas no contexto das relações culturais e sociais. Mais do que isso, são resultados de “atos de criação lingüística”, têm que ser nomeadas. Nesse sentido só são compreendidos dentro dos sistemas de significação nos quais



adquirem sentido e a língua desempenha destacado papel delimitador das fronteiras da identidade. Assim, as relações de identidade ficam sujeitas à própria dinâmica da linguagem e sua inexorável instabilidade e imprecisão no jogo que as relações sociais de produção de sentido impõem na tentativa de fixar e estabilizar a identidade versus a subversão e desestabilização dela. É o caso das identidades nacionais. Hall destaca que “no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (2002, p.47). Figuras emblemáticas da modernidade, os Estados-Nação representam todo o aspecto de ordem, linearidade e hierarquização daquele período. Para, então, estabelecer as relações de identificação os Estados-Nação valem-se de um discurso que elegem como cultura nacional e nela estão inclusas os símbolos nacionais, as histórias contadas sobre a nação e as imagens que dela são construídas.

De acordo com Hall, há cinco elementos principais que compõem a narrativa da cultura nacional: a narrativa da nação tal como é contada nas literaturas nacionais; a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade; a invenção da tradição; o mito fundacional; e a idéia de um povo puro original. Hoje, o que está em discussão é justamente o que abalou o vigor deste discurso e vem deslocando as identidades culturais desde o final do século XX? “A resposta é: um complexo de processos e forças de mudança, que, por conveniência pode ser sintetizado sob o termo globalização” (HALL: 2002, p.67).

A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. (GIDDENS: 1991, p.69).

É bom destacar, no entanto, que a globalização não é um fruto da pós-modernidade, nem mesmo um fenômeno contemporâneo. “A modernidade é inerentemente globalizante” já destacou Giddens (1991, p.69). A novidade é a intensificação dos processos de integração global e a aceleração dos fluxos e laços entre as nações, que já vinham em curso na modernidade. Isto sim acaba determinando conseqüências pós-modernas nas concepções das identidades culturais, entre as quais destacamos: a fragmentação da noção nacional de identidade e o fortalecimento de identidades locais ou particularistas.

E se pretendemos analisar um fenômeno de mídia que se manifesta circunscrito às fronteiras de um espaço local, nos interessa, particularmente, pensar alguns dos mecanismos empregados nos processos de construção da identidade deste espaço específico. Passamos então à discussão da identidade juizforana, seus elementos constitutivos, discursos e narrativas, tradição e processos históricos.

## 2. Aspectos da juizdeforaneidade

A constante definição de Juiz de Fora em função da sua relação com as capitais ou, em contraposição, da liderança de cidade pólo são indícios claros da identidade fragmentada e determinada nas relações de diferença. Mas as raízes desta identidade são bem mais profundas e detectáveis ao longo do percurso histórico da cidade, desde o início da ocupação da região.

Em sua tese de doutorado, a professora e jornalista Christina Musse investiga aspectos da identidade na formação histórica de Juiz de Fora e teoriza motivos pelos quais a cidade se diferenciou de outros núcleos urbanos. Um dos argumentos destaca a diferença da povoação da região em relação ao movimento que acontecia no restante do estado:

(...) a cidade, por não ter compartilhado do sentimento barroco característico do período colonial mineiro (...) se afastou daquilo que se convencionou chamar de discurso da “mineiridade”, que forja a sua narrativa, nos setecentos e oitocentos (MUSSE: 2006, p.46).

É apenas na primeira década do século XIX que acontece um efetivo processo em direção ao povoamento da região. Nessa época a coroa portuguesa doa as primeiras sesmarias e nelas vão nascer importantes fazendas dedicadas à cafeicultura e o destino da região toma nova direção. É neste século que a região de Juiz de Fora ganha contornos de área urbana, ao se organizar como vila, ter vida econômica regular e população numerosa. Nessa época também estão as origens do nome da cidade, uma história que já rendeu mitos e lendas e revela traços importantes nos processos de construção da identidade juizforana.

A tradição oral da cidade é unânime em atribuir o nome da localidade a um personagem histórico que seria um juiz. Entretanto, a história do referido magistrado e a explicação do “de fora” ganharam narrativas variadas. Uma das versões mais difundidas busca a explicação na interpretação semântica da expressão “juiz de fora”, segundo a qual o tal magistrado era uma pessoa que tinha sua origem em outra região e que, por fim, resolveu se fixar às margens do rio Paraibuna. Outra diz que a antiga vila não possuía magistrados em sua burocracia e, por isso, dependia da vinda de um juiz de outra localidade para arbitrar suas demandas. Há quem afirme com vigor que houve um erro de ortografia no registro: o tal magistrado que cede sua alcunha seria um “juiz de foro”, importante na região.

Hoje a historiografia local esclarece que o nome Juiz de Fora se refere à fazenda do Juiz de Fora, propriedade que ocupava extensas terras na região onde se ergueria mais tarde a cidade. O referido magistrado seria o senhor Luís Forte Bustamente e Sá, nomeado



Juiz de Fora<sup>3</sup> da cidade do Rio de Janeiro em 1711, cargo que exerceria durante três anos e depois se estabeleceria nas terras da fazenda, compradas em 1713.

A discussão sobre a fundação da cidade não é menos rica em aspectos identitários. Segundo lei municipal de 1973, o engenheiro e militar alemão Henrique Guilherme Fernando Halfeld é o fundador oficial de Juiz de Fora. Ele chegou ao Brasil em 1825, contratado como oficial mercenário do Corpo das Tropas Estrangeiras do Exército Brasileiro. Em 1836 foi nomeado “Engenheiro da Província de Minas Gerais” e comandou o trabalho de abertura da estrada do Paraibuna, ligando Vila Rica a Paraibuna, na divisa de Minas Gerais com o estado do Rio de Janeiro (cf. DILLY: 2006). Foi nesta empreitada que contribuiu decisivamente para a urbanização do povoado de Juiz de Fora.

Henrique Halfeld, que adotou a nacionalidade brasileira, em 1840, fez parte de uma geração de “pioneiros”, cultuados até hoje, que ajudaram a planejar e ordenar o espaço do futuro núcleo urbano de Juiz de Fora. Os relatos sobre a construção da cidade, que aparecem mais de cinco décadas depois, são caracterizados pelo tom elogioso e reforçam o mito heróico da ocupação do território (MUSSE: 2006, p.55).

Halfeld, na posição de estrangeiro líder, bem sucedido e promotor de progresso, também reforça outra importante referência de identidade da cidade: os imigrantes.

Os primeiros imigrantes chegaram à cidade em janeiro de 1856. Eram 150 pessoas, entre engenheiros, técnicos e operários, com o objetivo de planejar a estrada União Indústria. Dois anos depois, em 1858, chegariam mais 1165 alemães, estes vinham com o objetivo de formar uma colônia para o abastecimento agrícola do mercado interno (MUSSE: 2006, p.57).

Mais tarde vieram os italianos e a nova população da região colaborou ativamente para os progressos que se seguiram na lavoura e, mais tarde, na industrialização da cidade. Aí se estabeleceram os fundamentos para a criação do mito do imigrante empreendedor. Nessa época Juiz de Fora se tornou um importante pólo industrial e viveu um período de plenitude econômica e desenvolvimento. Obras como a Estrada União Indústria e a Hidrelétrica de Marmelos, que entraram para a história da cidade, reforçaram a identidade de pioneirismo e progressismo de Juiz de Fora e, principalmente, efetivaram a identidade industrial, cunhada na comparação com a cidade inglesa de Manchester, que rendeu a Juiz de Fora a designação de Manchester mineira.

---

<sup>3</sup> Sobre o cargo, Christina Musse publica em sua tese a seguinte explicação: “Para interferir nos lugares onde a justiça ordinária incidia em erros, foi, então, criado o cargo de juiz de fora, durante o reinado de Dom Denis, em Portugal, no século XIV...” (2006: p.49). O dicionário on line de língua portuguesa Priberam define, no verbete juiz, o juiz de fora como “funcionário a quem compete nos concelhos dirigir os processos das conciliações”, diferenciando-o do “juiz de direito”, que preside tribunais e do “juiz de Relação” que seria o desembargador.



Nessa promissora época, o distanciamento da mineiridade também se manifesta. Embalada nos ventos do progresso a sociedade juizforana revela clara disposição de se identificar com o Rio de Janeiro, a capital federal, centro do poder e porto de entrada da influência européia no país. O esforço para criar vínculos com a capital federal rendia à cidade, em função da rixa com a capital do estado, a alcunha de “carioca do brejo”.

Ao fim da década de 30, no entanto, a cidade vê ruir seu protagonismo industrial, transforma seu perfil econômico preponderante para o de centro prestador de serviços, mas continua ufanista quanto à tradição industrial. Um indício inquestionável são os versos do Hino de Juiz de Fora, instituído por Lei no ano de 1950, que propagam “Das cidades brasileiras, / sendo a mais industrial / na cultura e no trabalho / não receia outra rival”.

Musse destaca que no embalo do declínio econômico a cidade experimentou um clima de pessimismo que culminou na criação de uma vigorosa peça do imaginário da cidade: a exportação de talentos intelectuais, artísticos ou personalidades influentes que acabaram decidindo por fazer carreira fora da cidade. “(...)se criou na cidade um imaginário diaspórico, no sentido de que, aqui, nada daria certo.” (MUSSE: 2006, pp. 109-110)

Daí extraímos duas relações de sentido que ganham força no imaginário da cidade: primeiro de que Juiz de Fora é um lugar de passagem e que os frutos do sucesso de uma vida, plantados na cidade só poderiam ser colhidos fora. Segundo, que o indício do sucesso de um juizforano é o reconhecimento e a valorização obtidos além das fronteiras da cidade. Os heróis juizforanos precisam prosperar aos olhos do ‘estrangeiro’ e, portanto, virem de fora da cidade, como o juiz Bustamante, o fundador Halfeld, ou os imigrantes.

Hoje a cidade continua buscando a identidade que a defina no século XXI, tal como foi no século XIX a fazenda do Juiz de Fora e o ciclo do café, ou com a Manchester Mineira no período de pujança industrial. Tenta entender o que seria a identidade de cidade pólo, de prestadora de serviços ou acreditar na idéia de cidade universitária. Entretanto, se analisarmos essa angústia da “falta de identidade” à luz dos conceitos de Hall, perceberemos que a identidade juizforana é hoje a do sujeito pós-moderno e é, portanto, fragmentada. Haverá sempre o concurso da identidade múltipla e da encarnação da identidade a partir das relações estabelecidas nas diversas esferas de significado pelas quais a vida de uma cidade pode transitar. E um dos pontos primordiais para a mediação dos processos de atribuição de sentido é a representação das identidades locais pelo sistema de mídia da cidade.

### **3. A juizdeforaneidade na TV**



A trajetória da televisão em Juiz de Fora faz jus ao mito da identidade pioneira da cidade. Em 28 de setembro de 1948, o técnico em eletrônica Olavo Bastos Freire colocou em serviço os equipamentos por ele montados para a primeira experiência de transmissão pública televisiva da América Latina. A demonstração se deu com equipamentos instalados em dois pontos do centro da cidade, onde convidados assistiram a cenas captadas no Parque Halfeld. Entretanto, as primeiras experiências juizforanas de consumo da televisão só acontecem no fim dos anos cinquenta, com a instalação de antenas para retransmissão das emissoras cariocas TV Rio e TV Tupi.

A identidade pioneira é novamente evocada com a inauguração da primeira emissora geradora do interior do Brasil, a TV Industrial, em 29 de julho de 1964. A Industrial, como todo o sistema de televisão no Brasil, ergueu-se baseada na estrutura do rádio. Valeu-se do nome e de profissionais da já consolidada Rádio Industrial e produzia uma programação composta, principalmente, por programas de auditório, esportivos e noticiários, todos transmitidos ao vivo. O principal esforço para marcar sua diferença em relação às emissoras cariocas era colocar na tela da TV uma programação de caráter mais regional e local, tratando de assuntos juizforanos ou de interesse da cidade. Entretanto, fazia o caminho inverso para indiferenciar-se das concorrentes no que tange à transmissão de jogos dos clubes cariocas – os preferidos na cidade – e aos programas especiais ancorados por estrelas do rádio e da televisão do Rio, com a participação de artistas de projeção nacional.

A Industrial permaneceu em atividade até 1980, quando cedeu ao assédio da Rede Globo, foi adquirida pela família Marinho e tornou-se TV Globo Juiz de Fora.

Entretanto, apesar da noção de perda de um espaço local de mídia e das relações afetivas de profissionais envolvidos, o empresário Geraldo Mendes, ex-proprietário da emissora, destaca que não houve contestação da audiência ou da opinião pública:

Foi uma reação muito pacífica, alguns assumiam ares de certa satisfação com a participação da TV Globo na vida de Juiz de Fora. Pura ilusão: a Globo nunca foi parte de Minas ou do Brasil; é uma emissora feita exclusivamente no sentido de explorar o serviço público em todos os seus aspectos (CABRAL: 1985, p. 29).

Durante os anos 80 os aparelhos de TV de Juiz de Fora sintonizavam no canal 5 a TV Globo Juiz de Fora, no 10, a Rede Bandeirantes, no 12, a TVE Brasil (a frequência fora concedida à Fundação Educacional Pio XII) e, no fim da década, a TV Manchete no canal 2. O espaço destinado à programação local ficava restrito à cobertura jornalística da afiliada Globo em seus telejornais.

Em 1990, entra em operação a segunda experiência com reconhecíveis traços locais da televisão juizforana: a TV Tiradentes. O canal investiu em telejornalismo diário, colu-



nismo social, programas de entrevista, de auditório e de esportes aumentando consideravelmente a exposição do conteúdo local na TV. Não por acaso, era recorrente a comparação com a TV Industrial e a própria direção não hesitava em evocar a identidade da pioneira em favor da “missão” de dedicar-se à localidade. A emissora entrou no ar afiliada ao SBT, mas depois de alguns anos mudou-se para a Rede Bandeirantes e no fim dos anos noventa operou sob a bandeira da Rede Record. Em 1999, acabou adquirida pelos Diários Associados e tornou-se a TV Alterosa JF, afiliada do SBT. A TV Tiradentes Ltda. é hoje a razão social da Alterosa JF. O empresário Josino Aragão continua à frente do canal 12, hoje rebatizado como TVE Juiz de Fora, da qual trataremos mais à frente.

#### 4. O caso TV Visão

A terceira consistente experiência de televisão local em Juiz de Fora começa em 2003, com o início das operações da TV Visão. A emissora foi criada pelo empresário Papaulo Martins<sup>4</sup> para ocupar o canal 36 dos receptores de TV a cabo instalados pela TV Cidade, concessionária do serviço por assinatura sob a bandeira Net. A estréia se deu com a transmissão ao vivo os desfiles do Fashion Days, a semana de moda de Juiz de Fora. No mês de novembro estreou sua primeira grade fixa de programação, composta então por programas, na maioria, de entrevistas e direcionados, cada um, a tema e público específicos. Em 2004, a TV passou a operar vinte quatro horas por dia, mantendo a programação exclusivamente local, preenchendo a grade de exibição com reprises. Já em maio de 2006, a Visão rompeu os limites do cabo e estreou suas produções na TV aberta através do “Espaço Visão” na TVE Juiz de Fora<sup>5</sup>. O contrato fechado entre as empresas<sup>6</sup> reservou trinta horas semanais do canal educativo para a exibição dos programas que compunham a grade da Visão.

---

<sup>4</sup> O empresário já tinha, nessa época, presença no mercado audiovisual da cidade através da Lupa Vídeo, produtora líder no ramo da publicidade e vídeos institucionais.

<sup>5</sup> A TVE Juiz de Fora é uma das três emissoras geradoras de TV aberta da cidade e opera desde 1981, quando a Fundação Educacional Pio XII, dirigida pelo empresário Josino Aragão, recebeu a concessão. Durante muitos anos se limitou a retransmitir o sinal da TVE Brasil. Somente depois da venda da TV Tiradentes, que também era dirigida pelo empresário, é que a emissora passou a veicular programação local. A produção mais destacada e longeva é o “Mesa de Debates”, programa com uma hora de duração, que vai ao ar de segunda a sexta, e que já teve como âncora e comentaristas comunicadores com longa experiência no rádio e no jornalismo de Juiz de Fora.

<sup>6</sup> Lupa Fotografia e Produção Ltda., representada por Papaulo Martins e a TVE Juiz de Fora (Fundação Educacional Pio XII), representada por Josino Aragão. O contrato tem duração de cinco anos e estabelece as bases para cessão de horários da grade da TVE para uso da Lupa sob a marca Visão.



A partir da exigência contratual da TV Cidade de exibir programas exclusivos com conteúdo local a TV Visão buscou, no início das operações e mantém até hoje, a composição de uma grade com produções que evocam a juizdeforaneidade dentro da segmentação de temáticas e de público. Neste sentido, estão hoje no ar sete programas.

O programa de entrevista “Dimensão”, apresentado pelo jornalista e sociólogo Ismair Zaghetto, trata primordialmente da economia local, a partir das experiências de empresários e empreendedores da cidade. No “À Moda da Casa” a jornalista e empresária Nívea Heluey apresenta matérias sobre moda, gastronomia e arquitetura e decoração. “Agridoce” é o programa apresentado pela jornalista Gisele Cid, que consiste em uma entrevista na cozinha, enquanto o entrevistado prepara um prato. O “Paraybuna Connection” é um misto de mesa de debates e humorístico que faz ironia com notícias locais e discute assuntos de interesse da cidade com um convidado/entrevistado. O jornalista Paulo César Magella é o apresentador do “Cenário”, programa de entrevista e debate que privilegia a política. No “Radiola” são exibidas entrevistas com músicos juizforanos ou que estejam se apresentando em Juiz de Fora. E o programa “Cesar Romero” é o braço televisivo do colunista social de maior prestígio da cidade.

A identidade juizforana do canal é construída a partir dos seguintes elementos: primeiro, na abordagem de pautas, discussão e debate de problemas ou entrevistas com pessoas ligadas à vida cotidiana da cidade; segundo, na reverberação de assuntos nacionais e sua implicação no dia a dia da cidade; terceiro, no espaço para expressão das opiniões, conhecimentos ou talentos de especialistas locais sobre temas de vulto nacional, internacional ou sem delimitação geográfica; quarto, pela naturalidade juizforana de seus apresentadores e seus históricos progressos de envolvimento com entidades locais e atuação na mídia local; quinto, pela afirmação da diferença em relação aos outros veículos de mídia locais, em especial, os demais canais de televisão que têm sua atuação vinculada a uma rede nacional, o que restringe seus espaços dedicados a assuntos locais (agora, na TVE, a Visão acaba também vinculada à rede, mas o volume absoluto de tempo de programação local ainda é significativamente maior). Ainda são frequentes as referências a imagens reconhecíveis de paisagens, construções e ambientes da cidade contidos em matérias, filmes publicitários institucionais do canal ou nas vinhetas de abertura e cenários dos programas.

Todos os programas têm na figura do apresentador um forte traço de identidade, uma vez que cada projeto foi desenvolvido em função da combinação programa – apresentador. O compromisso de tratar de assuntos locais é apontado por todos como o primeiro traço de identidade com a cidade.



O filme institucional com o texto “Se você está sentindo saudades da sua esquina, você já tem aonde se ver” que nós temos, ele sempre me sensibilizou muito e, ao me sensibilizar ele alarga o meu olhar para essa cidade e a possibilidade que a cidade tem de ter um espaço dela, levando em conta que os grandes sistemas de mídia hoje, até por questão mercadológica são de grades nacionais. Faz falta essa oportunidade de olhar a sua esquina (ZAGHETTO, 2006).

Assim, os apresentadores assumem para si o papel de mediadores de um processo de auto-conhecimento da cidade, uma vez que têm nos seus espaços na programação o compromisso de revelar ao telespectador as idéias, histórias e realizações de juizforanos.

O fato de a gente estar em Juiz de Fora e mostrar as coisas daqui da cidade é o legal, é o diferencial da história. E isso tudo gera conhecimento, gera possibilidades, trabalho, emprego. Acho que é uma contribuição que a gente dá até pro desenvolvimento da cidade (HELUEY: 2006).

A preocupação com o engajamento e com a interferência ativa na vida cotidiana da cidade pode ser atestada nos discursos em que os apresentadores buscam uma definição para o seu programa, a partir de seu papel social:

A função principal do Paraybuna Connection é a de criar uma embalagem agradável, divertida pra discutir assuntos sérios. E o principal assunto, que é também o pano de fundo de todas as entrevistas, é isso que a gente chama de a identidade de Juiz de Fora (BERNARDES: 2006).

Com o slogan “Aqui você se vê” o canal afirma a identidade de espelho da cidade, mas, principalmente do próprio juizforano. A idéia que a TV Visão tenta passar, mais do que a de retratar a cidade é a de que, literalmente, em função dos tipos de programas, do tempo mais flexível e da variabilidade de pautas o telespectador pode, efetivamente, aparecer na televisão como um dos convidados ou se ver representado por alguém muito próximo como um parente, amigo ou vizinho. Há o esforço de não exigir grandes requisitos curriculares para que uma pessoa seja entrevistada, como destaca Gisele Cid ao comentar sobre o “Agridoce”:

É um programa que você não precisa ter nenhuma característica especial pra participar. A gente só procura que ela tenha alguma história pra contar. Não é preciso nem saber cozinhar. E acho que o ambiente cozinha é algo doméstico, que por isso pode passar segurança pro convidado e dá a impressão pro telespectador que ele poderia estar ali também, tanto quanto o entrevistado, porque aquilo é como a cozinha da casa dele. As pessoas se sentem em casa (CID: 2006).

O traço de intimidade também é bastante presente nos discursos e revela-se sob os signos da descontração, naturalidade ou relaxamento. Os apresentadores procuram manter uma postura informal como forma de envolver os entrevistados em um clima de bate-papo, acreditando que o acolhimento torna-se perceptível e é também experimentado pelo telespectador. “O público com que encontro na rua fala sempre a mesma coisa: ‘você



é tão espontânea que é como se você estivesse falando comigo’ e eu acho que isso é muito legal. É algo muito íntimo” (HELUEY, 2006). O relacionamento com o público e o *feedback* são percebidos, em geral, pelos apresentadores como atributos da identidade local; assim as abordagens de entrevistados e telespectadores se valem da impressão de intimidade estabelecida.

Juiz de Fora é uma cidade peculiar. Nós temos aqui as virtudes dos grandes centros e ainda não herdamos suas mazelas. Temos uma postura de interior, onde todo mundo se conhece. Então, o fato do programa reverberar na rua, das pessoas pararem pra discutir e comentar faz com que você interaja com as pessoas e, portanto, não há aquele distanciamento, aquela frigidéz que existe entre a grande mídia e o telespectador. Muito pelo contrário (MAGELLA: 2006).

A origem juizforana ou a longa trajetória profissional na cidade aliada ao acúmulo de vivência de cada um dos apresentadores em instâncias da mídia ou vida pública da cidade também reforçam o processo de identificação do canal e dos programas com o espaço local. Aliás, o peso do nome dos apresentadores foi levado em conta no processo de elaboração de cada um dos projetos da Visão e, até, por isso, as identidades dos programas e dos apresentadores acabam se misturando tanto. A juizdeforaneidade de cada um dos apresentadores se manifesta no ar nas relações de vínculo com os entrevistados e nas referências constantes a lugares, pessoas e passagens da história da cidade.

A construção da identidade da Visão como “o canal de Juiz de Fora”, como exhibe um dos filmes institucionais, passa necessariamente pela afirmação das diferenças frente aos outros espaços de mídia local televisiva.

Nos outros veículos locais, a maior parte da programação não é local. Só pequenos espacinhos na grade são dedicados à programação local. E acaba que, por ser muito pouco tempo, essa informação é só a do noticiário, praticamente, e acaba se misturando às demais. Agora essa outra informação, mais trabalhada, com mais tempo, em programas de entrevista nos quais as pessoas têm tempo pra falar, isso é muito importante. Nisso a Visão se difere muito. A diferença está na essência da programação (HELUEY: 2006).

Dos atuais sete programas em exibição, três têm uma hora de duração, três duram quarenta e cinco minutos, e um ocupa apenas meia hora na grade de programação do canal. Como a base de todos eles é a realização de entrevistas - variando um pouco o formato – o tempo de exposição dos interlocutores é expressivamente maior que o dos telejornais, permitindo que os processos de informação sejam mais contextualizados e a lógica de seus discursos menos fragmentada.

Além disso, o grande tempo de exposição também reforça a imagem dos apresentadores junto ao público, revelando características pessoais e tornando ainda mais “íntima” a relação. Na TV Visão a exposição de seus profissionais ao público é bastante diferente da



dos apresentadores e repórteres dos telejornais das outras emissoras, que mantêm a identidade de porta-vozes da notícia, expondo em grau muito menor sua identidade privada.

Uma vez que construíram carreiras sólidas na cidade e que seus programas de TV permanecem no ar há mais de três anos, os apresentadores da TV Visão representam uma importante contraposição ao imaginário diaspórico de Juiz de Fora. É fato que todos, sem exceção, não têm na TV Visão sua ocupação primordial ou fonte principal de renda. Na verdade, a presença na televisão acaba funcionando como vitrine de exposição da opção dos apresentadores por permanecer na cidade e construir aqui suas carreiras, ainda que para isso tenham que se desdobrar em várias atividades.

Tinha aquele dito que Juiz de Fora tinha os melhores jornalistas (em função dos muitos nomes que ocuparam posições de destaque na imprensa nacional) e os piores jornais. (...) Isso era uma forma de dizer que pra poder dar certo você tinha que sair daqui. E acho muito idiota quando alguém fala “nossa você ficou aqui em Juiz de Fora”... Fiquei mesmo. Não demoro uma hora e meia pra chegar ao meu trabalho, não tenho medo de bala perdida na minha casa, ando às duas da manhã de carro na rua e abro a porta da garagem sem neura... Não tenho nada disso (CID: 2006).

Os processos de construção de identidades desencadeados pela TV Visão a partir de seus apresentadores vieram ampliar os espaços de representação de Juiz de Fora e de sua juizdeforaneidade na mídia televisiva. Nem tanto pelas intenções de representar a verdadeira cidade, ou por um extraordinário mérito de seus programas e profissionais, mas pela simples oferta de ampla visibilidade mediada, pela possibilidade de estabelecer um diálogo com as identidades da cidade através dos personagens do seu cotidiano e por oferecer uma vitrine para as opiniões, as histórias de vida, os empreendimentos e as criações dos juizforanos.

Eu acho que, desde a TV Industrial, a TV Visão é o projeto mais importante de comunicação que a cidade já teve, porque as grandes redes, quando criaram as suas afiliadas, empacotaram a imagem das cidades dentro do padrão que vem da matriz. As afiliadas têm essa limitação. Elas mostram a imagem da cidade, mas traduzem-na para um padrão. O que a TV Visão faz é o contrário. Ela cria uma imagem própria a partir da realidade da cidade, com os valores da cidade. Hoje, em Juiz de Fora, quem está mostrando a imagem da cidade é a TV Visão (BERNARDES: 2006).

## 5. Conclusão

O início das atividades da TV Visão representou um efetivo marco no percurso histórico da cidade e uma forma nova dos habitantes juizforanos se relacionarem com a cidade. Ao criar um canal de televisão que busca exibir durante vinte e quatro horas diárias traços e marcas de juizdeforaneidade e, mais recentemente, trinta horas semanais na TV



aberta é provável que os processos de produção de sentido acerca dos assuntos locais tenham sido reconfigurados. Não tanto porque os produtos televisivos que encarnam a representação das identidades juizforanas tenham trazido revoluções de formatos, linguagens ou discurso, mas pela carência de espaços de significação da localidade no sistema de mídia da cidade.

Os profissionais, apresentadores da TV, em seus depoimentos, deixam claro que apesar da longa trajetória de cada um nas empresas de comunicação da cidade jamais experimentaram profissionalmente algo que combinasse: tempo de exibição, formato independente, informalidade, além de liberdade para abordar cada assunto, tornado visível pela telinha aos olhos da cidade. Os depoimentos revelam que há um comprometimento, com fervor, com a representação da cidade para os juizforanos na tela da TV, através dos assuntos abordados, da escolha dos entrevistados e convidados e, até, da exposição das suas opiniões sobre os caminhos da cidade.

E uma vez que a mídia, especialmente a televisão têm papel fundamental na mediação das relações de significado da vida cotidiana, o juizforano encontra na programação da TV Visão um espelho de um cotidiano que pode ser por ele vivenciado nos espaços da cidade real. O telespectador acaba por deparar-se com imagens, pessoas e situações bastante reconhecíveis e, muitas vezes, presentes, realmente, na sua esquina. E, por isso, essas imagens e discursos veiculados são elementos inexoravelmente empregados pelo telespectador no processo de construção da identidade da cidade.

## 6. Referências bibliográficas

ANKERKRONE, Elmo Francfort. *Seu Olavo, o gênio da televisão*. São Paulo, 2001. Disponível em «<http://www.sampaonline.com.br/colunas/elmo/coluna2001ago03.htm>». Acesso em 3 jan. 2007.

BARBOSA, Bruna Ribeiro. *TV Visão: espaço aberto para Juiz de Fora – o estudo de caso de uma TV por assinatura local*. Projeto Experimental. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora, 1.sem.2006.

BERNARDES, Guilherme. *Guilherme Bernardes: depoimento* [nov. 2006]. Entrevistador: Frederico Belcavello Guedes. Juiz de Fora, 2006. 1 fita cassete (60 min): mono.

CABRAL, Luciano Neiva. *TV Industrial: um resgate histórico*. Projeto Experimental. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora, 1.sem.1985.



CID, Gisele. *Gisele Cid*: depoimento [nov. 2006]. Entrevistador: Frederico Belcavello Guedes. Juiz de Fora, 2006. 1 fita cassete (60 min): mono.

DILLY, Roberto. *Biografia do comendador Henrique Halfeld*. Juiz de Fora, 2006. disponível em <<http://www.sgai.pjf.mg.gov.br/premios/biografia.php>>. Acesso em 2 jan. 2007.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HARVEY, David. *A Condição Pós-moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HELUEY, Nívea. *Nívea Heluey*: depoimento [nov. 2006]. Entrevistador: Frederico Belcavello Guedes. Juiz de Fora, 2006. 1 fita cassete (60 min): mono.

MAGELLA, Paulo César. *Paulo César Magella*: depoimento [dez. 2006]. Entrevistador: Frederico Belcavello Guedes. Juiz de Fora, 2006. 1 fita cassete (60 min): mono.

MAIA, Livia. *Um histórico das TV's abertas de Juiz de Fora*. Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidade e Cidadania/ CNPq-UFJF, 2005. (mimeo).

MUSSE, Christina Ferraz. *Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora*. Tese de Doutorado. Escola de Comunicação da UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.

SAMPAIO, Mario Ferraz. *História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1984.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZAGHETTO, Ismair. *Ismair Zaghetto*: depoimento [nov. 2006]. Entrevistador: Frederico Belcavello Guedes. Juiz de Fora, 2006. 1 fita cassete (60 min): mono.